

FATECE  
FACULDADE DE TECNOLOGIA CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

GLEICIANE SALES FERREIRA

**“MULHERES FRENTISTAS”**

PIRASSUNUNGA  
2022

GLEICIANE SALES FERREIRA

## **“MULHERES FRENTISTAS”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Bacharel de Administração da Faculdade Fatece de tecnologia, ciências e educação sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carolina Fuzaro Bercho.

PIRASSUNUNGA  
2022

## **Resumo**

Este trabalho buscou apresentar a conquista das mulheres na função de frentista de postos de combustíveis. Além das pesquisas bibliográficas, buscando dados e elementos acerca da mulher no exercício de atividades tipicamente masculinas, também foi realizada pesquisa de campo, através de entrevista em postos de combustíveis de toda a cidade, com o intuito de se obter dados relativos a temática abordada. Embora a mulher tenha se inserido no mercado de trabalho há muito tempo inicialmente com trabalhos femininos, com uma jornada de trabalho ampliada e com salários baixíssimos, atualmente suas conquistas avançaram, atingindo cargos de chefia e ocupações nos mais diversos campos de atuação profissional, principalmente como frentista. A profissional frentista se destacou com sua agilidade, delicadeza e dedicação, conquistando a gerência da empresa e os clientes, em sua maioria. Apesar de ainda haver discriminação de gênero, um certo preconceito quanto a mulher que exerce atividades tipicamente masculinas e até mesmo assédio por parte de clientes que acabam se equivocando e deixando de considerar o profissionalismo da frentista, em linhas gerais é uma atividade laborativa interessante para as mulheres, tanto no que diz respeito ao serviço, horário de trabalho, como em relação a remuneração.

**Palavras-chave:** Evolução do trabalho feminino, frentista, desafios, mercado de trabalho, história das mulheres no Brasil.

## **Abstract**

This work sought to present the achievement of women in the role of gas station attendants. In addition to bibliographical research, seeking data and elements about women in the exercise of typically male activities, field research was also carried out, through interviews at gas stations throughout the city, in order to obtain data related to the theme addressed. Although women entered the labor market a long time ago, initially with women's jobs, with an extended workday and very low wages, currently their achievements have advanced, reaching leadership positions and occupations in the most diverse fields of professional activity, mainly as Attendant. The gas station attendant stood out with her agility, delicacy and dedication, winning over the company's management and most of the customers. Although there is still gender discrimination, a certain prejudice against women who perform typically male activities and even harassment by customers who end up making the mistake and failing to consider the attendant's professionalism, in general terms it is an interesting work activity for women. women, both in terms of service, working hours, and remuneration.

**Keywords:** Evolution of female work, gas station attendants, challenges, labor market, history of women in Brazil.

.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO 1- EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO .....	8
CAPÍTULO 2 - MULHERES FRENTISTAS.....	10
CAPÍTULO 3 – OBSERVAÇÕES RELATIVAS À PESQUISA DE CAMPO.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	17
REFERÊNCIAS.....	19

## INTRODUÇÃO

Mulheres frentistas diz respeito não só a um trabalho tipicamente masculino exercido por mulheres, mas também demonstra a conquista da mulher no mercado de trabalho, qualquer que seja a função a ser exercida. Assim como as frentistas, há as caminhoneiras, as tratoristas e tantas outras que se destacam no que fazem, sem perder suas características femininas, sua delicadeza e a versatilidade que as mulheres dominam tão bem. Ademais, falar das mulheres frentistas, falo sobre uma conquista pessoal, vez que além de ter um bom trabalho, o desempenho com orgulho e louvor. Diante de tantos empecilhos, alguns preconceitos e, algumas vezes, falta de valorização laborativa por parte da sociedade, a mulher supera as expectativas e consegue exercer suas tarefas profissionais e pessoais com eficiência.

Durante muito tempo a mulher não teve acesso a determinados serviços, pois alguns setores eram ocupados exclusivamente por homens. Com o passar dos anos, a mulher foi superando o preconceito e conquistando espaços nessas áreas. Postos de combustível sempre foram vistos como serviço masculino, pois durante muito tempo era um ambiente frequentado mais por homens que por mulheres. Conforme a sociedade foi mudando e as mulheres adentrando ao mercado de trabalho, dirigindo seus próprios veículos, esses ambientes passaram a ser frequentados por todos. Atualmente a alguns lugares são ocupados exclusivamente por mulheres. Cabe salientar que a atividade profissional de frentista é relativamente bem remunerada, além do adicional de insalubridade a que faz jus de 30% sobre o salário e do vale refeição de cerca de R\$ 24,00 por dia trabalhado. Por outro lado, a profissão em questão não exige nenhuma capacitação, curso nem especialização.

O trabalho do frentista consiste em abastecer os veículos, conferência de calibragem de pneus, limpeza de para brisas, conferência de nível de água do radiador, nível de óleo do motor, fluido de freio e óleo de direção. Em alguns postos o frentista é que faz a troca do óleo dos carros, porém nestes casos específicos, o frentista deve fazer uma especialização para aprender a executar adequadamente este serviço. Mas em média a rotina laborativa do frentista são serviços básicos e rotineiros de fácil aprendizado.

Embora ainda exista preconceito da sociedade em ver mulheres trabalhando em atividades que antes eram consideradas tipicamente masculinas, a mulher vem superando essas barreiras e mostrando sua capacidade em desenvolver com maestria este trabalho, com competência, dedicação e esforço. Apesar de a mulher ser vista como figura frágil, sensível e delicada, tais atributos são positivos e valorizados para o exercício de diversas atividades laborativas, inclusive a de frentista. O trabalho de frentista exige não somente força física, mas simpatia, boa educação, paciência e empatia para lidar com o cliente, agilidade no atendimento, muita atenção visto que os produtos são inflamáveis e serviços dependem de concentração, para não haver nenhum erro ou acidente. Por essas e outras tantas habilidades femininas, a mulher executa com mais facilidade tais tarefas o que levou aos donos de postos de combustíveis a contratar cada vez mais mulheres. Nos últimos anos, as contratações femininas têm aumentado significativamente em trabalhos que antes eram considerados tipicamente masculinos.

Este trabalho tem como objetivo demonstrar que as mulheres enquanto profissionais se destacam tanto nos trabalhos que culturalmente lhes são atribuídos como nos trabalhos que outrora eram considerados tipicamente masculinos e como a sociedade e a própria mulher percebe e acolhe esta nova realidade.

Também busca apontar as dificuldades enfrentadas pela mulher enquanto frentista, em seu cotidiano laborativo, verificar a autoimagem da mulher frentista, a imagem dos clientes e da sociedade para esta profissional e identificar por que os empreendedores de postos de combustível têm escolhido esta mão de obra feminina.

### **1. Justificativa:**

Esta pesquisa se justifica em vista de a mulher conquistar o mercado de trabalho inclusive considerado masculino. Isto porque ainda que a mulher exerça atividade laborativa formal, ainda exerce as atividades domésticas, tendo assim, dupla ou tripla jornada, dependendo dos compromissos que assumiu em sua vida. Embora fique sobrecarregada, consegue cumprir com suas obrigações pessoais, domésticas e laborativas, o que demonstra sua responsabilidade e comprometimento.

O presente trabalho, assim, tem como objetivo demonstrar que as mulheres se destacam onde quer que escolham trabalhar, até mesmo em trabalhos considerados tipicamente masculinos.

## **- Relevância da Pesquisa**

## **2. Objetivos**

### **2.1 Geral**

O principal objetivo deste trabalho é analisar qual a importância que a mulher tem no mercado de trabalho, principalmente o tipicamente masculino, para a sociedade e para si.

### **2.2 Específicos:**

1. Evolução da mulher no mercado de trabalho.
2. Apontar as principais dificuldades que a mulher que exerce a função de frentista enfrenta em seu cotidiano laborativo.
3. Verificar como a sociedade vê e recebe a mulher frentista, haja vista ser uma atividade tipicamente masculina.
4. Identificar o que levam os empreendedores de postos de combustíveis a escolher a mão de obra feminina para exercer a atividade de frentista.

## **3. Metodologia**

Dado o exposto caracteriza-se a pesquisa realizada como qualitativa, uma vez que segundo Martins Junior (2017), afirma que esse tipo de pesquisa é uma forma de se descrever os dados alcançados por meio de instrumentos de coleta como entrevistas, observações, descrição e relato, no intuito de se alcançar o conhecimento específico do objeto investigado.

Cardano (2017), ao mencionar as entrevistas na pesquisa qualitativa nos remete ao trajeto que o pesquisador percorre na busca por resposta às próprias inquietações, bem como no fato das análises desses resultados se definirem com base na perspectiva dos indivíduos que a responderam.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa – de campo - através de questionário respondido por frentistas e empresários de postos de combustíveis, os quais manifestaram suas opiniões a fim de se obter dados para qualificar o trabalho acerca desta profissão que hoje vem crescendo para o público feminino.

O levantamento de dados foi realizado através de um roteiro de entrevista semiestruturadas, de acordo Gil (1999):

Explica que o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada e com perguntas abertas para que os entrevistados respondam com as suas próprias palavras e liberdade.

Esta pesquisa observou quatro postos de combustíveis diferentes na cidade de Santa Cruz das Palmeiras. Foi obtida uma amostra de 12 pessoas entrevistadas, sendo 8 frentistas e 4 gerentes. A amostra se deu graças a disponibilidade dos entrevistados participaram da pesquisa de campo que se deu de julho a outubro de 2022.

Além dos dados coletados, também será utilizada a pesquisa bibliográfica, para dar embasamento teórico científico quanto a análise dos dados das entrevistas realizadas bem como das questões sociais e trabalhistas que circundam o tema em estudo.

## **CAPÍTULO 1 EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO**

Para abordar a temática das mulheres frentistas, é preciso tecer algumas considerações acerca da evolução do trabalho feminino ao longo do tempo e como ela foi conquistando o mercado de trabalho até a alcançar novos voos e adentrar o mercado de trabalho tipicamente masculino.

Antigamente, a divisão laborativa era muito singela, sendo constatado que o homem era o mantenedor da casa, portanto exercia atividade profissional remunerada, enquanto a mulher cuidava da casa, do marido dos filhos e exercia atividades afins, as quais em momento algum foram reconhecidas como trabalho, pois não tinham nenhum valor. Nada mais era do que dever da mulher trabalhar diuturnamente em favor de sua família, sem ter qualquer tipo de reconhecimento.

Até o início do século XX era assim. A mulher era a “rainha do lar” e o homem o provedor, que trabalhava e tinha direitos, inclusive reconhecimento por se esforçar e trabalhar para sustentar a casa e a família. Segundo Pinheiro (2012), p. 9, na década de 1950 havia somente 10 % de mulheres que trabalhavam fora, ao passo que em 2010 este percentual subiu para 49%. Atualmente há setores de serviços ocupados em grande maioria apenas por mulheres.

Após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil passou por uma forte industrialização e grande desenvolvimento, o que proporcionou maiores possibilidades tanto educacionais como profissionais para ambos os sexos. Diante de tais aspectos houve diminuição das distancias sociais entre homens e mulheres. No entanto, os papéis femininos e masculinos ainda eram mantidos e o chefe da família era o homem, mesmo que a mulher já trabalhasse fora, vez que seu salário era inferior ao do homem, fato patente relativo a desigualdade entre os sexos, conforme pontuado por Del Priore, (1997).

Assim, com a mudança do contexto socioeconômico a mulher passou a exercer atividade profissional remunerada, além de continuar cuidando da casa, dos filhos e do marido, vez que a remuneração do marido era insuficiente para manter o sustento da casa e ainda proporcionar lazer.

De outro bordo, além da necessidade financeira que se tornou uma realidade em muitos lares, há também e não menos importante, a necessidade de satisfação pessoal em ter autonomia e reconhecimento profissional, vez que o trabalho doméstico é infundável e invisível, sendo certo que só aparece quando não realizado.

De acordo com Bruschini (1994), após a década de 70, as mulheres passaram a buscar, além de complementação a renda familiar, a busca pelo consumo e pela independência financeira, em face a necessidade da compra. Deste modo, não só as mulheres das classes sociais mais baixas, mas também as da classe média ingressaram no mercado de trabalho.

Neste contexto, as conquistas femininas quanto a maternidade, trabalho, educação, voto e saúde, oportunizaram sua inserção na esfera cultural e política, vez que houve, diante de tais fatos, a repaginação das relações familiares, bem como a relação entre os gêneros, o que desencadeou também a busca pela emancipação socioeconômica da mulher, implicando em busca de igualdade de condições no trabalho, no salário e até mesmo nas tarefas domésticas, como observado por Nogueira, (2004).

Com o passar do tempo e com o aumento das mulheres inseridas do mercado de trabalho, fazendo parte da população economicamente ativa, observou-se que as mulheres passaram a ocupar funções tipicamente masculinas, fato que vem crescendo diuturnamente. Somente na primeira década do século XXI, as mulheres tem participação no PEA – população economicamente ativa – de 49,7%, ao passo que a participação dos homens se manteve em 69,9%, conforme comunicado nº 62 do IBGE.

Cumprir observar que apesar de o mercado de trabalho estar aberto a ambos os sexos, ainda há discriminação entre homens e mulheres, inclusive quanto a remuneração, mas sobretudo pelo fato da mulher, além de ser profissional, ser mãe, função que se sobrepõe a qualquer outra. Se por um lado, tal fato a “desqualifica”, vez que o empregador não quer uma funcionária faltante, por outro, deveria valorizá-la, pois geralmente se trata de uma chefe de família, que muitas das vezes sustenta a casa sozinha e, portanto, leva seu trabalho a sério, com comprometimento e responsabilidade.

## **CAPÍTULO 2 MULHERES FRENTISTAS**

Segundo a Fundação Carlos Chagas, nos últimos trinta anos a participação das mulheres cresceu e muito na população economicamente ativa – PEA – cerca de 32 milhões de trabalhadores entre 1976 e 2007. Sem contar que as mulheres desempenham um papel muito mais relevante do que os homens no crescimento da população economicamente ativa.

Além disso, há ainda um aumento significativo das mulheres no mercado de trabalho em atividades tipicamente masculinas. Também cabe observar que neste período, principalmente no exterior, em paralelo as mulheres se inserirem no mercado de trabalho, houve a expansão da educação superior, sendo uma oportunidade mais acessível e permitindo, por outro lado, a emancipação feminina, principalmente em países desenvolvidos, como Hobsbawm, (1996), observa.

Há que se considerar, ainda, que o trabalho doméstico, embora seja importante e essencial, não é valorizado sequer pelos membros da família e só são lembrados ou observados quando não são realizados, vez que a casa fica em situação caótica. No entanto, a mulher que não realiza atividade profissional remunerada, não é validada por cuidar, organizar e atividade de frentista.

Aguiar, (1996), afirma que a mulher é socializada para cumprir a função afetiva de cuidar da casa, dos filhos e da família, ao passo que os homens devem prover a família em todas as suas necessidades.

Além de ser uma grande guinada que as mulheres realizem atividade laborativa remunerada, executar trabalhos considerados masculinos foi uma grande revolução. Inicialmente foi considerado e aceito por não haver alternativas acessíveis, já tentadas e não conquistadas. Com o passar do tempo, esses conceitos preconceituosos foram sendo deixados de lado e as atividades profissionais, quaisquer que sejam, eram um trabalho digno a ser realizado por qualquer pessoa, inclusive por mulheres.

Assim, verifica-se que as mulheres tiveram que superar muitos paradigmas para poder exercer a função de frentista, vez que ela é uma atividade tipicamente masculina.

Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego, a descrição detalhada de frentista é:

Frentista atende os clientes, indagando acerca de suas necessidades, para prestar-lhes os serviços adequados; opera as bombas de combustível, conectando a mangueira ao recipiente de veículos e controlando o funcionamento, para fornecer o combustível nas proporções requeridas; efetua rápida lavagem em pára-brisa e janelas do veículo, utilizando material comum de limpeza, para melhorar a aparência e visibilidade dos mesmos; troca ou completa o óleo e a água, valendo-se de recursos manuais e atentando para os níveis indicadores, para dar ao veículo as condições de funcionamento; enche e calibra os pneus, utilizando bomba de ar e barômetro, para conferir-lhes a pressão requerida pelo tipo de carro, carga ou condições da estrada; cobra o valor correspondente ao combustível fornecido e aos demais serviços prestados, verificando o painel da bomba e efetuando as operações financeiras requeridas, para atender devidamente aos interesses dos clientes e da empresa. Pode vender peças, acessórios e outros produtos. (mte.gov.br)

A partir deste enfoque, FERREIRA, CARVALHO E SARMET, (1999) observam que o atendimento ao público resulta da conduta do usuário, das atividades dos funcionários envolvidos na situação e na organização do trabalho e suas condições físico ambientais e estruturais.

A desigualdade de gênero existe em todas as áreas do mercado, no Brasil e no mundo, apesar dos avanços e inovações tecnológicas.

Probst (2013), p.6 Considera que a história da mulher no mercado de trabalho, no Brasil, está sendo escrita com base, fundamentalmente, em dois quesitos: a queda da taxa de fecundidade e o aumento no nível de instrução da população feminina.

Tais fatores, aliados a mulher se inserir no mercado de trabalho, auferindo renda e muitas das vezes tendo autonomia financeira são circunstâncias que demonstram quebras de tabus e perspectivas diferentes, principalmente numa cultura preconceituosa e machista, principalmente ao trabalhar em áreas consideradas tipicamente masculinas.

Ferreira, (2021) ainda demonstra:

Nas Forças Armadas, por exemplo, elas estão ingressando pelo oficialato. Para consolidar sua posição no mercado, a mulher tem cada vez mais adiado projetos pessoais, como a maternidade. A redução no número de filhos é um dos fatores que tem contribuído para facilitar a presença da mão-de-obra feminina, embora não isto seja visto pelos técnicos do IBGE como uma das causas da maior participação da mulher no mercado. (Ferreira, 2021, p. 15)

Embora a mulher esteja conquistando seu espaço e sendo aceita, inclusive em ocupações consideradas masculinas, não podemos nos esquecer que ainda há uma luta incessante para que a mulher tenha seu reconhecimento tanto quanto o homem possui. Ademais, a mulher atual adentrou no mercado de trabalho também, talvez principalmente pela necessidade, pois grande parte das vezes é ela quem é a chefe de família e que sustenta, com pouco auxílio, ou sem ele, sua casa e seus filhos.

Daniel em sua obra (2011) afirma:

As relações sociais estabelecidas dentro e fora do mundo do trabalho (na família, em organizações religiosas, no bairro etc.) repercutem de distintas maneiras no modo como as sociedades produzem, mas são também influenciadas pelas transformações econômicas, num processo de contínua interação. As inovações tecnológicas impulsionaram um conjunto de transformações que não se limitaram ao processo produtivo e à economia, mas se expandiram para diversas esferas da vida social. (Daniel, 2011, p. 325.)

Como dito, atualmente a mulher não só quer, mas precisa trabalhar e tem que ter jornada dupla ou tripla para poder equilibrar e dar conta de seus papéis sociais de mãe, esposa e profissional. Isto quando não é “pãe”, ou seja, pai e mãe e a mantenedora de todas as despesas de sua casa. No entanto, ainda que seu trabalho seja apenas para satisfação pessoal, a mulher tem se destacado para atingir suas metas ter autonomia financeira.

Dificuldades no mercado de trabalho são inúmeras, mas a desigualdade de gênero, por incrível que parece, ainda existe e muito atrapalha. Tal fato se constata, principalmente em áreas específicas, onde a atividade é tipicamente masculina, como no caso de frentista.

Há questões como a maternidade, que os empresários mais antigos não veem com bons olhos, vez que por lei a empregada tem direito a licença maternidade de 120 dias, além de períodos de aleitamento materno, após retorno ao trabalho, assim como direito a faltar para levar o filho ao médico. No entanto, em contrapartida, mulheres que são mães tem mais comprometimento com seu trabalho, pois é através dele que sustenta sua prole.

O art. 396 da Consolidação das Leis do Trabalho dispõe:

Art. 396 da CLT: “Para amamentar seu filho, inclusive se advindo de adoção, até que este complete 6 (seis) meses de idade, a mulher terá

direito, durante a jornada de trabalho, a 2 (dois) descansos especiais de meia hora cada um.

(CLT, 2017)

Martins (2009) observa: “A duração do trabalho da mulher é igual à de qualquer outro trabalhador: 8 horas diárias e 44 horas semanais, nos termos do inciso XIII do art. 7º da Constituição.” (MARTINS, 2009, p.585).

As frentistas também sofrem este impacto, algumas vezes em relação aos colegas e superiores, outras em relação aos clientes, principalmente os mais tradicionalistas. Da mesma forma, não se pode ignorar que há fatores de risco que atingem de forma mais contundente às frentistas, enquanto gestantes, vez que sua atividade laborativa a expõe a fatores de risco, sendo necessário que se faça alterações em sua rotina profissional. Pode-se elencar como fatores de risco os combustíveis (por haver certa toxicidade), produtos químicos, ruídos, frio e calor, possibilidade de atropelamento, doenças ocupacionais - decorrentes de movimentos repetitivos, assaltos, longas jornadas em pé, sobrecarga de trabalho, dentre outras.

Maia e Maia, (2009) enfatiza que:

As abordagens sobre a qualidade de vida no trabalho (QVT) são apresentadas como propostas de educação que tratam de aspectos do ambiente ocupacional com a intenção de proporcionar satisfação aos empregados, diminuir o estresse que pode ser causado pelo assédio moral e aumentar a produtividade da empresa (MAIA; MAIA, 2009).

Além da discriminação de gênero em relação à maternidade e situações a ela relativas, também há a discriminação de cunho apelativo, o que faz alguns clientes confundirem as coisas e, muitas vezes fazerem comentários inoportunos ou até mesmo cantadas. De outro bordo, há alguns clientes que não dão às frentistas a credibilidade que merece, pois não acreditam que façam o mesmo serviço de seus colegas com a mesma competência.

Tal assédio, algumas vezes, chegar a ser de cunho sexual, com cantadas e propostas indecorosas.

Segundo Pamplona, (2009):

O assédio supõe sempre uma conduta sexual não desejada, não considerando como tal o simples flerte ou paquera. Por isso, muitas vezes só é possível considerar indesejada a conduta de conotação sexual quando o assediado inequivocamente manifesta oposição às propostas e insinuações do assediante. (PAMPLONA, Rodolfo Mário

Veiga Filho, 2009, Trabalho da Mulher Homenagem a Alice Monteiro de Barros, p.156).

Insultos, insinuações, comentários inadequados em relação a uma mulher, atitudes arrogantes, convites ou pedidos impertinentes, olhares lascivos, dentre outros caracterizam o assédio sexual. Embora aconteça eventualmente, constringendo as frentistas, tal fator não as impede de continuar sua atividade profissional, dentro de suas convicções, superando mais esta adversidade.

### **CAPÍTULO 3 OBSERVAÇÕES RELATIVAS À PESQUISA DE CAMPO**

O estudo se desenvolveu no segundo semestre de 2022, na cidade de Santa Cruz das Palmeiras - SP. Foram realizadas entrevistas em quatro postos de combustíveis, com quatro gerentes e oito frentistas.

Segundo pesquisa de campo, as mulheres exercem este trabalho em nossa região há alguns anos, em crescente na última década.

Antes não havia busca por mão de obra feminina em postos de gasolina. As mulheres trabalhavam no setor administrativo ou nas redes de conveniência dos postos.

Cerca de 30% dos funcionários dos postos de combustíveis são mulheres. A maioria das mulheres busca este trabalho para ajudar na renda familiar. Mas relatam que o horário diferenciado e a execução do serviço, propriamente dito, são satisfatórios, assim como a percepção da remuneração.

Se antes a busca por frentistas mulheres por parte dos postos se referia a serem belas e para quebrar o tabu de ser um ambiente exclusivamente masculino, atualmente é por conta do trabalho qualificado que as frentistas executam, haja vista serem atenciosas, dedicadas, responsáveis. Ademais, clientes mulheres também preferem ser atendidas por outras mulheres, segundo as pesquisas de campo.

Uma frentista entrevistada relatou que trabalhar no Posto obteve muitas conquistas financeiras, em face de sua boa remuneração. Disse ainda que se sente feliz e bem relacionada em relação ao seu trabalho.

Algumas frentistas entrevistadas notaram que há clientes que evitam ser atendidas por funcionárias femininas, o que demonstra certo preconceito. Outra

ainda comentou que há clientes que “não confiam na mão de obra feminina”, principalmente os mais velhos.

Sob a perspectiva das frentistas, a principal motivação para esta atividade profissional é a boa remuneração e a flexibilidade dos horários, o que permite aliar melhor as tarefas de trabalho com as domésticas. Uma das frentistas entrevistadas relata que: “o ambiente de trabalho é bem prazeroso, que conseguiu fazer varias amizades, e com seu salario, comprou sua moto, que era algo que almejava muito”. E seguindo, relatou sobre a questão do preconceito: “alguns clientes, já chegaram a questionar se não havia algum frentista homem para verificar o óleo de motor e agua do radiador, mas ela logo se prontificou a atendê-lo e mostrar sua capacidade”.

Outra entrevistada, gerente do Posto, relata que a mulher tem atributos que a faz realizar o trabalho com mais cuidado, como ela pontua:

“Acredito que ao longo dos anos o mercado tem requisitado mais mão de obra feminina para exercer funções com atividades minuciosas, e a mulher atende essa demanda muito bem”. No ramo de atividade em específico, sempre esteve muito ligado à mão de obra masculina. Mas com a inserção da mulher no mercado de trabalho e em todos os ramos de atividades, as mulheres conquistaram uma independência que até então não existia, com isso, sentiu-se a necessidade de também inserirmos no nosso posto, uma vez que existe um grande percentual de motoristas mulheres. Além disso, a diretoria e cargos de liderança são ocupados 80% por mulheres (no posto em que trabalha).

Observou-se que ainda existe o preconceito, principalmente de pessoas com mais idade, que não concordam com mulheres trabalhando em ambientes tipicamente masculinos, achando esta situação inadequada.

Quanto a maior dificuldade, embora a falta de credibilidade em sua competência e profissionalismo decorrente do preconceito por serem mulheres incomode, o pior de tudo é o assédio que algumas vezes acontece, e que causa grande desconforto, vez que a gentileza, cordialidade e um sorriso algumas vezes acabam sendo mal interpretado por clientes com más intenções. No entanto, tal circunstância não as impede de continuar trabalhando com competência e profissionalismo.

Encontramos também na fala das entrevistadas a questão do assédio, em que alguns clientes tomam a liberdade de as frentistas, tecendo elogios com

intencionalidade duvidosa, confundindo a situação, pois as frentistas estão ali para exercer as atividades típicas de postos de combustíveis e nada, além disso.

Conclui-se que apesar destas adversidades, as entrevistadas acham interessante o trabalho como frentista, diante dos benefícios de salários, horário flexível, possibilitando assim que as mulheres a trabalhem e cuidem de suas famílias com dignidade e autonomia financeira, conquistando dia a dia novas áreas de trabalho e superando os paradigmas relativos a gênero e preconceitos pertinentes. Afinal competência, comprometimento e responsabilidade são atributos de qualquer pessoa que queira realmente trabalhar, independentemente de seu gênero ou da atividade laborativa escolhida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo mostrar o trabalho da mulher frentista. Diante das pesquisas bibliográfica e de campo pode se observar que a mulher vem conquistando seu espaço na sociedade e no mercado de trabalho há muito tempo.

No entanto, a evolução histórica demonstra que inicialmente a mulher trabalhava para suprir uma necessidade da sociedade, geralmente com salários irrisórios e uma ampla jornada laborativa. Com o passar do tempo, foi ganhando espaço, desbravando novas atividades profissionais, buscando igualdade. Porém a desigualdade de gênero ainda era um desafio a ser superado, tanto quanto a valorização e reconhecimento da mulher enquanto profissional, como em relação a percepção de sua remuneração, pois não tinha o mesmo reconhecimento nem de seu trabalho, tampouco de sua recompensa, o salário.

Com as mudanças sociais, as inovações tecnológicas e com a mulher assumindo o papel de chefe de família, passou a buscar outras atividades, além das femininas e foi assumindo trabalhos tipicamente masculinos como motorista, gerente, policial e frentista.

Atuar num mercado de trabalho tipicamente masculino foi mais um estereótipo a ser superado, diante do tabu enfrentado por trabalhadoras, que sofreram e ainda sofrem preconceito, assédio, discriminação tanto em relação a sua condição humana, ser mulher, quanto a sua competência profissional.

As pesquisas demonstram que apesar das adversidades, as mulheres frentistas conseguiram conquistar seu espaço profissional neste mercado de trabalho, adquirir a confiança da gerência dos postos de combustíveis e a credibilidade dos clientes, em sua maioria.

Demonstrou-se que as frentistas conseguem exercer este trabalho tão bem quanto um colega de gênero Masculino, sem deixar suas características femininas atrapalharem, aproveitando, inclusive, sua gentileza e cordialidade em favor de seus clientes, ao realizar o atendimento. Diante deste cenário, evidencia-se a mudança de um paradigma de que mulher não pode exercer uma atividade tipicamente masculina, observando que as atividades laborativas, se feitas com amor e competência, qualquer pessoa pode realizar.

A intenção deste trabalho de pesquisa foi colaborar com uma temática com poucas produções acadêmicas acerca do tema. Busca-se abrir espaço para uma nova temática de pesquisa, envolvendo mulheres, mercado de trabalho e funções de gênero para as pesquisas geradas no curso de bacharelado em administração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Neuma. **Grupo Doméstico, Gênero e Idade: análise longitudinal de uma plantação canavieira**. Tese de concurso para professora titular apresentada ao Departamento de Sociologia e Antropologia. Belo Horizonte: FAFICH/UFMG. (1996).
- BRUSCHINI, C. **O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes**. REF – Revista de Estudos Feministas, número especial, 175-199, 1994.
- CARDANO, Mário. **Manual De Pesquisa Qualitativa: A Contribuição Da Teoria Da Argumentação**. Tradução Elisabete Rosa Conill. Petrópolis- RJ: vozes 2017. ISBN: 978-85-326-5502-8. Acesso: 23/08/2022.
- CLT – atualizada até 2017 – disponível em [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/clt\\_e\\_normas\\_correlatas\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/535468/clt_e_normas_correlatas_1ed.pdf) - Acesso em 17-nov-2022.
- DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- DANIEL, Camila. **O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho**. Ano XIV- nº 25/26 – 2011.
- FERREIRA, Amanda Rayane de Lima. Mercado de Trabalho, Desigualdade de Gênero, Trabalho Feminino. I. Monteiro, Jackson Rayron. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título A Atuação da Mulher no Mercado de Trabalho: Um Enfoque Sobre a Cidade de Pau dos Ferros – RN (2010-2019), monografia apresentada em junho de 2021.
- FERREIRA, M. C.; CARVALHO, R.; SARMET, M. Ergonomia do serviço de atendimento ao público : um estudo de caso. In: IX CONGRESSO BRASILEIRO DE ERGONOMIA (Salvador : 1999). Anais... Salvador : [s.n.], 1999
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HOBSBAWM, E. Era dos extremos: o breve século XX (1914-1990). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MAIA, T.S.T.; MAIA, F.S. **Qualidade De Vida No Trabalho E Aspectos Ergonômicos Na Função De Frentista**, disponível em [https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2010\\_tn\\_sto\\_116\\_763\\_17301.pdf](https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2010_tn_sto_116_763_17301.pdf), acesso em 18-nov-2022.
- MARTINS JUNIOR, Joaquim. **Como Escrever Trabalhos De Conclusão De Curso**: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos fonográficos e artigos. 9ªed. Petrópolis: Vozes, 2017. ISBN: 978-85-326-3603-4
- MARTINS, Sergio Pinto. Direito do Trabalho. 25ª edição. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2009.
- NOGUEIRA, Claudia Mazzei. **A feminização no mundo do trabalho: entre a emancipação e a precarização**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

PAMPLONA, Rodolfo Mário Veiga Filho. Trabalho da Mulher Homenagem a Alice Monteiro de Barros, São Paulo, 2009.

PINHEIRO, Luana. **Retratos das Desigualdades de Gênero e de Raça. IPEA. Ipea – Instituto de Pesquisa** Econômica Aplicada. Brasília, 2012.

PROBST, E. R. **A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho.** Instituto Catarinense de Pós-Graduação. 1. Ed, 2013.

<http://consulta.mte.gov.br/empregador/cbo/procuracbo/conteudo/descricao.asp?gg=4&sg=5&gb=1&oc=60&>, acesso em 21-nov-2022.